

Biodiverso

Edição 5 - Junho 2014

Agricultura ecológica familiar produz saúde, benefícios ambientais e garante a soberania alimentar



Sementes de trevo são coletadas para fazer adubação verde na propriedade de Denise e Romildo Schardosim

Nesta edição:

- Agroecologia é a chave para a prosperidade de agricultores e agricultoras familiares, diz especialista em relatório para a ONU
- Quem nos alimenta: o agronegócio ou as redes camponesas?

Relator da ONU destaca papel chave da agroecologia para a agricultura familiar

Sessenta anos depois que os venenos entraram na agricultura com o pretexto de combater insetos, aumentar a produtividade agrícola e acabar com a fome no mundo, metade da população da Terra está mal-alimentada.

Aproximadamente uma sexta parte passa fome, outra sexta parte sofre de malnutrição, enquanto uma sexta parte está obesa. Estes problemas no entanto, podem ser erradicados.

Conforme o relator especial das Nações Unidas (ONU) sobre Direito à Alimentação, Olivier De Schutter, a erradicação da fome e da malnutrição é um objetivo alcançável.

A afirmação consta no relatório que este professor belga elaborou ao final de um mandato de seis anos, denominado “O potencial transformador do direito à alimentação”. O relatório foi apresentado ao Conselho de Direitos Humanos da ONU.

Neste trabalho, o especialista diz que a segurança alimentar precisa ser construída a partir da garantia de prosperidade dos agricultores familiares e que a chave para este processo é reestruturar os investimentos de apoio a formas de produção agroecológicas.

Entre outros pontos, o relatório destaca que os governos devem apoiar práticas agroecológicas como componente essencial para o futuro da segurança alimentar e da garantia do direito à alimentação.

O texto ressalta os benefícios ambientais, sociais e à saúde proporcionados pela agroecologia, destacando que sistemas agrícolas diversificados contribuem para que as comunidades que produzem sua própria comida tenham dietas também mais diversificadas, melhorando, assim, a nutrição.

Alerta também para o fato de que a agroecologia reduz os custos de produção ao minimizar o uso de

insumos, melhorando as condições de vida das famílias agricultoras, particularmente aquelas mais vulneráveis economicamente. Segundo o texto, a agroecologia cria oportunidades de trabalho nas áreas rurais, promovendo o desenvolvimento.

Diante do Conselho de Direitos Humanos da ONU, De Schutter afirmou que a democracia alimentar precisa ser construída no nível de comunidades, regiões e municípios, mas que as iniciativas locais só terão sucesso se forem apoiadas e complementadas por políticas públicas nacionais.

Como exemplo de fortalecimento da agricultura familiar, citou os circuitos curtos de comercialização, que aproxima produtores de consumidores e reduzem a dependência de alimentos de outros países.

Adaptado do Boletim

“POR UM BRASIL ECOLÓGICO, LIVRE DE TRANSGÊNICOS & AGROTÓXICOS” - número 666 - 14 de março de 2014

Expediente

Jornal Biodiverso

Edição n.5 - Junho/2014

Responsável: Miriam H Sperb

litoral@centroecologico.org.br

Publicação do projeto Ampliação e consolidação dos Sistemas Agroflorestais na Serra e Litoral Norte do RS

www.centroecologico.org.br



Embaixada dos Estados Unidos da América



Ministério do Meio Ambiente

Quem vai nos alimentar: a cadeia industrial ou as redes camponesas de subsistência?

O texto do ETC Group publicado na revista Biodiversidade, Sustento e Culturas 78, de outubro de 2013 mostra as grandes diferenças entre estes sistemas de produção.



Foto: Cristiano Motter

Uma etapa do Curso de Agricultura Ecológica para agricultores e agricultoras de Mampituba/RS. Organização e conhecimento são fundamentais para a agricultura familiar produzir alimento saudável, com autonomia e capacidade de decisão

Quem nos alimenta - A cadeia industrial provê 30% dos alimentos utilizando de 70% a 80% da terra arável. Usa mais de 80% dos combustíveis fósseis e 70% da água destinados para uso agrícola; ocasiona entre 44 e 57% das emissões anuais de gases de efeito estufa (GEE); desmata 13 milhões de hectares e destrói 75 bilhões de toneladas de cobertura vegetal por ano.

Embora domine os 7 trilhões de dólares que vale o mercado mundial de alimentos, controla somente 15% da comida produzida no planeta (a que é comercializada internacionalmente) e deixa 3,4 bilhões de pessoas desnutridas ou obesas.

Em um ano normal, e com boas terras, as variedades mais produtivas dos principais monocultivos comerciais

produziriam, por hectare, maior quantidade para o mercado que as variedades camponesas do mesmo cultivo, mas a um custo muito maior, que inclui danos à saúde, aos meios de subsistência das comunidades e devastação ambiental.

As redes camponesas produzem mais de 70% da comida que a humanidade consome. Entre 15% e 20% provêm de agricultura urbana; outros 10 a 15% da caça e do extrativismo; 5 a 10% da pesca, e entre 35 e 50% de unidades de produção agrícola de pequena escala.

Colhem 60-70% dos cultivos alimentares com 20-30% da terra arável; utilizam menos de 20% dos combustíveis fósseis e 30% da água destinados para usos agrícolas. Nutrem e usam a biodiversidade de maneira sustentável e são

responsáveis pela maior parte dos 85% dos alimentos que são produzidos e consumidos dentro das fronteiras nacionais. São o principal provedor, e às vezes o único, dos alimentos que chegam aos dois bilhões de seres humanos que sofrem de fome e desnutrição no planeta.

Em um ano normal ou ruim, em solos bons ou empobrecidos, as variedades camponesas em sistemas de consorciação de vários cultivos, junto com a pesca e a criação de animais, produzem, no total, mais comida por hectare, e mais nutritiva, que qualquer monocultivo da cadeia industrial, por uma fração do custo, empregando mais pessoas e cuidando do ambiente.

Quem vai nos alimentar

A cadeia industrial: com a monopolização de terras, os

tratados comerciais que favorecem as indústrias, os monopólios de patentes cada vez mais abusivos, a criminalização dos intercâmbios de sementes, os subsídios vantajosos aos combustíveis fósseis baratos e o fato de transferir aos consumidores e aos produtores camponeses cada vez mais custos da produção industrial de alimentos e da segurança alimentar, a porcentagem de população urbana no planeta chegará aos 70%, a obesidade duplicará, a produção de carne e a de laticínios crescerão 70%; a demanda total de alimentos aumentará 50% e a necessidade de água crescerá 30%. As emissões de GEE aumentarão 60%.

A **rede camponesa**: com respeito irrestrito aos territórios camponeses, se fosse salvaguardado o direito à terra e à água, aos intercâmbios de sementes e ao melhoramento vegetal e animal comunitários; se fossem eliminadas as regulamentações que sabotam os mercados locais e a diversidade, se o comércio social e ambientalmente justo fosse generalizado, se fossem democratizados a pesquisa e o desenvolvimento de práticas agroecológicas, a população rural planetária se manteria em 50%, o acesso a alimentos e a qualidade dos mesmos duplicaria, as taxas de obesidade despencariam, as emissões de GEE seriam reduzidas em pelo menos 60%, e a demanda de água em 50%; e o uso de combustíveis fósseis para trabalhos agrícolas seria reduzido entre 75 e 90%.

A cadeia industrial usa 150 cultivos, mas foca em apenas 12. Cerca de 45% da pesquisa e desenvolvimento agrícolas se concentram na versatilidade do milho. Mais de 80 mil variedades foram registradas sob propriedade intelectual desde 1970; mais da metade (59%) são ornamentais. O custo médio para desenvolver



Comida de verdade, com sabor, nutrientes vitais e sem agrotóxicos da agricultura familiar fortalece as pessoas e a organização da sociedade

uma variedade geneticamente modificada é de 136 milhões de dólares.

Somente entre 10 e 20% das sementes que são utilizadas no Sul global provêm do setor comercial. *A cadeia está centrada no melhoramento de poucos cultivos e considera apenas 700 de seus parentes silvestres para a adaptação à mudança climática.*

A rede camponesa cultivou mais de 2 milhões e 100 mil variedades de 7 mil espécies de cultivos desde os anos 1960. Ornamentais, uma mínima parte. Produzir novas variedades não custa nada. Entre 80 e 90% das sementes são obtidas fora do mercado. Os camponeses conhecem e manejam de 50 a 60 mil espécies de parentes silvestres, o que, segundo a cadeia industrial, custaria 115 bilhões de dólares por ano.

Quem possui as terras e como as utiliza: pelo menos desde 2001, a cadeia industrial apoderou-se de 15% da terra agrícola para produzir matérias-primas industriais e de 2% ou mais para produzir agrocombustíveis. Usa entre 70 e 80% da terra arável e 176 milhões

de toneladas de fertilizantes sintéticos, e devasta 75 bilhões de toneladas de solos (avaliadas em 400 bilhões de dólares) a cada ano. A cadeia industrial impõe a produção pecuária (ração, forragens ou pastagens) a 78% da terra agrícola do planeta. E 80% do fertilizante é usado na produção de forragens, mas a metade desse fertilizante nunca chega às plantas cultivadas devido a deficiências técnicas.

A rede camponesa usa entre 20 e 30% da terra arável do planeta, da qual cultiva pelo menos a metade sem usar fertilizantes sintéticos (23% do nitrogênio usado em sistemas agrícolas de cultivos consorciados provêm de esterco). **Em conjunto, os camponeses conseguem que entre 70 e 140 milhões de toneladas de nitrogênio sejam fixadas anualmente nos solos, o que, em um esquema de mercado, custaria mais de 90 bilhões de dólares.**

O texto completo está na seção Boletins Informativos do site do Centro Ecológico:
www.centroecologico.org.br/boletins.aspx